

UM BRINDE À DIVERSIDADE!

A toast to diversity!

Un brindé a la diversidad!

Ana Paula Martins Cazeiro

Docente do Curso de Terapia Ocupacional
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
paulacazeiro@gmail.com

**Victor Augusto Cavaleiro
Corrêa**

Docente do Curso de Terapia Ocupacional
da Universidade Federal do Pará
victorcavaleiro@gmail.com

**Amara Lúcia Holanda Tavares
Battistel**

Docente do Curso de Terapia Ocupacional
da Universidade Federal de Santa Maria
amarahb@gmail.com

Resumo

Pensar o fazer humano em Terapia Ocupacional é caminhar por um território de diversidades. Conceitos e opiniões ora se complementam ora nem tanto, divergindo entre os terapeutas que se lançam à tentativa de explicar esta relação. Anos de história se passaram e vimos a emergência de questionamentos e inquietações acerca de como e onde temos ancorado nossa Terapia Ocupacional. Ao comemorarmos o centenário da Terapia Ocupacional, recordamos os referenciais teórico-metodológicos que nortearam e norteiam as práticas profissionais nos diferentes contextos. Sendo os terapeutas ocupacionais defensores do respeito às diferenças, convidamos a todos para um brindé à diversidade!

Descritores: Conhecimento; Prática profissional; Terapia Ocupacional.

Abstract

To think about human doing in Occupational Therapy is to walk through a territory of diversities. Concepts and opinions now complement each other, not so much, diverging among the therapists who try to explain this relationship. Years of history have passed and we have seen the emergence of questions and concerns about how and where we have anchored our Occupational Therapy. As we commemorate the centennial of Occupational Therapy, we recall the theoretical and methodological references that guided and guide professional practices in different contexts. As occupational therapists advocate respect for differences, we invite everyone to a toast to diversity!

Keywords: Knowledge; Professional practice; Occupational therapy.

Resumen

Pensar en hacer humano en Terapia Ocupacional es caminar por un territorio de diversidades. Los conceptos y las opiniones ya se complementan tanto, divergiendo entre los terapeutas que se lanzan al intento de explicar esta relación. Años de historia se pasaron y vimos la emergencia de cuestionamientos e inquietudes acerca de cómo y dónde hemos anclado nuestra Terapia Ocupacional. Al conmemoramos el centenario de la Terapia Ocupacional, recordamos los referentes teórico-metodológicos que guiaron y orientan las prácticas profesionales en los diferentes contextos. Siendo los terapeutas ocupacionales defensores del respeto a las diferencias, invitamos a todos a un brindis a la diversidad!

Palabras claves: Conocimiento; Práctica profesional; Terapia ocupacional.

A fundação da *National Society for the Promotion of Occupational Therapy* (NSPOT - EUA), em 1917, marcou o encontro de pessoas que, apesar de apresentarem formações e ideias diversas, tinham em comum a crença no valor da ocupação para a vida e a saúde das pessoas¹. Para Valdivieso², foi o fato de a Terapia Ocupacional ter sido criada por um grupo tão heterogêneo, que incluía pessoas provenientes da medicina, arquitetura, enfermagem, serviço social e artes, que conferiu um caráter plural e multidisciplinar à profissão, sendo possível notar a influência destas diferentes perspectivas nos conteúdos dos cursos de formação de terapeutas ocupacionais, desde as primeiras propostas até os dias atuais.

Segundo Schwartz³, os primeiros terapeutas ocupacionais traziam influências principalmente do Tratamento Moral, do Movimento de Artes e Ofícios e da Administração Científica. Deste modo, podemos observar que a profissão nasceu com uma herança do romantismo, marcada pelo retorno do Tratamento Moral e pelo surgimento do Movimento de Artes e Ofícios, o qual se opunha à industrialização e à alienação do homem pela divisão do trabalho⁴. Contudo, havia também a influência da Administração Científica, que “[...] propunha que a racionalidade, eficiência e observação sistemática podiam ser aplicadas à administração industrial e a todas as outras áreas da vida [...]” (p. 15)³. Embora antagônicas, estas diferentes influências podem ter colaborado para o desenvolvimento de uma visão mais global sobre as ocupações humanas e para a diversidade de enfoques já presente nas primeiras propostas de intervenção. Assim, por um lado, o Tratamento Moral e o Movimento de Artes e Ofícios conduziram à inclusão das atividades nos hospitais, ao uso da arte e do artesanato como recurso terapêutico e ao desenvolvimento de objetos adaptados; por outro lado, a abordagem científica já se fazia presente, levando ao desenvolvimento da análise de atividades, à seleção das atividades com base nos movimentos envolvidos, à confecção de órteses e adaptação de instrumentos, e ao entendimento da importância da pesquisa sistemática para a validação da profissão.

Não obstante as diversas influências e os avanços alcançados pela profissão ao longo dos anos, Francisco⁵, ao abordar os modelos de Terapia Ocupacional, classificou-os em Humanista, Positivista e Materialista Histórico. Guardando-se as devidas proporções, podemos notar uma proximidade destes modelos com as correntes acima citadas. Conforme mencionado por Medeiros⁶, a origem da profissão foi marcada pelo humanismo, com o ressurgimento do Tratamento Moral. Ademais, o positivismo, que ganhou força em meados do século passado, também já se fazia presente de forma embrionária entre os primeiros terapeutas ocupacionais, com o reconhecimento da abordagem científica (inspirada na concepção da Administração Científica) como fundamental para a evolução da profissão;

enquanto isso, o materialismo histórico traz pressupostos ideológicos semelhantes aos que fizeram surgir o Movimento de Artes e Ofícios.

Todavia, conforme descrito por Drummond⁷, não é “[...] possível enquadrar a complexidade das intervenções em Terapia Ocupacional em três grandes classificações estanques” (p. 13). Assim, não podemos dizer que as influências e os modelos desenvolvidos ao longo da profissão podem ser reduzidos a estes apontamentos. Segundo Medeiros⁶, as formas de se compreender o homem, a sociedade e o processo saúde/doença exercem influência sobre a Terapia Ocupacional, de modo que, atualmente, os profissionais têm apresentado técnicas e teorias bastante diversificadas. Se isso, por um lado, pode gerar questionamentos a respeito da identidade profissional, por outro lado indica a não cristalização da profissão e a sua plasticidade, pois mostra “[...] as possibilidades de adequações de seus instrumentais em relação às finalidades dos programas e serviços, e das políticas sociais que os engendram [...]” (p. 140)⁶. De maneira semelhante, Galheigo⁸ afirma que a Terapia Ocupacional se alimenta de diferentes disciplinas para a fundamentação da prática; embora isso dificulte às vezes o entendimento de seus contornos, favorece uma abordagem multirreferencial e multidimensional.

Ainda que não seja o nosso objetivo esgotar as diferentes abordagens que sustentam e sustentaram as práticas e teorizações ao longo de sua história, optamos por mencionar estas influências para salientar que, desde os primórdios da Terapia Ocupacional, havia formas concomitantes e, às vezes, contraditórias de se entender as atividades e seu uso. Porém, tal como mencionado a respeito do primeiro grupo de pessoas que se reuniu em torno da NSPOT, a despeito de nossas diferenças, continuamos nos unindo em torno de um mesmo objeto central, o fazer humano. Pode-se supor, portanto, que a complexidade deste objeto exija um olhar igualmente complexo, e que a desigualdade de condições em que os sujeitos sob nosso cuidado se encontram exija também uma diversidade de ações, variando desde o uso de tecnologias avançadas até a busca por condições básicas de sobrevivência junto a populações tolhidas de seus direitos fundamentais⁹.

Temos experienciado uma não uniformidade nas formas de pensar e exercer a Terapia Ocupacional no mundo. Uma pluralidade de ancoragens teóricas e de práticas em Terapia Ocupacional no contato com as diferentes realidades e seus desafios, com o desenvolvimento de princípios e fundamentos teóricos e metodológicos, em que, a todo tempo, é possível estabelecer fronteiras e novas terminologias próprias. Nesse sentido, Siegmann¹⁰ sinaliza que devemos “ir em busca dos desvios, daquilo que difere e é singular

no processo terapêutico [...], bifurcar os modos de fazer em Terapia Ocupacional para encontrar a pluralidade inerente à vida e à ação terapêutica” (p.138).

Deste modo, acreditamos que a existência de diferentes abordagens seja tão justificável quanto necessária, já que um único modelo de prática não seria suficiente para responder às demandas diversas de nossa clientela e à complexidade do ser humano em sua relação com o fazer e o seu cotidiano. Entendemos, então, que mesmo modelos que são por vezes tratados de forma pejorativa, como quando são usados termos como reducionismo, podem responder de maneira muito assertiva às necessidades de sujeitos específicos, enquanto que, evidentemente, sujeitos com outras necessidades podem demandar cuidados baseados em referenciais distintos. Se entendemos que a multiplicidade de abordagens é parte de nossa história e tem sido fundamental para a construção de uma visão multirreferencial sobre a atividade, atendendo de maneira adequada à complexidade deste objeto, podemos afirmar que tal multiplicidade somente se constitui como um problema para a identidade da profissão quando se questiona a legitimidade do que o outro faz.

Com isso, no entanto, não defendemos o uso indiscriminado de teorias diversas, sendo necessário que se tenha nitidez sobre as diferentes concepções, as quais implicam em diferentes escolhas e trazem influências e implicações igualmente diversas^{6,11}. Mas também acreditamos que, conforme questionado por Almeida¹², será infrutífera a busca por um único modelo como verdade absoluta, ou que, como defendido por Drummond⁷, não há o Fundamento a ser descoberto, de modo que a história da Terapia Ocupacional é um processo em curso, com construções incessantes. Nessa direção, Morrison¹³ faz uma analogia da Terapia Ocupacional como uma árvore que, germinada a partir de diferentes áreas de conhecimento e plantada em uma diversidade de climas sociais e políticos, ganha contornos específicos de cada região, “[...] orientando-se para diversos campos de atuação cada vez mais complexos e específicos capazes de gerar novas identidades locais e modos de fazer a Terapia Ocupacional” (p.20).

O fazer humano é um tema que demanda complexidade e, portanto, pode ser olhado por diversas perspectivas. Não se trata apenas de concepções filosóficas, mas de diferentes maneiras de se olhar. Neste contexto, terapeutas ocupacionais direcionam seu fazer de acordo com necessidades de um dado momento, e podem caminhar por outras concepções quando as respostas não fazem mais sentido. Isso é possível! Caminhamos, como outras Ciências, expandindo saberes, questionando, agregando novos sentidos e, assim, construindo múltiplos olhares sobre o nosso conhecimento. Qualquer tentativa de desagregar isso recairá, aí sim, num reducionismo.

Assim sendo, neste momento de festa, em que a Terapia Ocupacional completa 100 anos neste caminhar, e reconhecendo que os terapeutas ocupacionais defendem o respeito à diferença, salientamos a riqueza que nossas próprias diferenças podem trazer, valorizando os diferentes olhares e as diferentes abordagens que nossa profissão comporta. Por isso, convidamos a todos para um brinde à diversidade!

Referências

1. Peloquin, S. Ideas directrices de los fundadores de la sociedad nacional para la promoción de la terapia ocupacional. In: Miralles, P.M.; Valverde, M.A.T. (org.). **Terapia Ocupacional: uma perspectiva histórica. 90 años después de su creación.** TOG (A Coruña): APGTO, 2007, p. 135-160. Disponível em: <http://www.revistatog.com/mono/num1/mono1_esp.pdf>. Acesso em: 04/07/17.
2. Valdivieso, A.O. La evolución académica de la Terapia Ocupacional a lo largo de la historia. In: Miralles, P.M.; Valverde, M.A.T. (org.). **Terapia Ocupacional: uma perspectiva histórica. 90 años después de su creación.** TOG (A Coruña): APGTO, 2007, p. 324-329. Disponível em: <http://www.revistatog.com/mono/num1/mono1_esp.pdf>. Acesso em: 04/07/17.
3. Schwartz, K.B. História e tendência da prática no tratamento da disfunção física. In: Pedretti, L.W.; Early, M.B. **Terapia Ocupacional: capacidades práticas para disfunções físicas.** São Paulo. Editora Roca; 2004, p. 14-19.
4. Cazeiro, A.P.M.; Bastos, S.M.; Santos, E.A.; Almeida, M.V.M.; Chagas, J.N.M. **A Terapia Ocupacional e as Atividades da Vida Diária, Atividades Instrumentais da Vida Diária e Tecnologia Assistiva.** Fortaleza. Editora ABRATO; 2011.
5. Francisco, B.R. **Terapia Ocupacional.** Campinas, SP. Editora Papirus; 1988.
6. Medeiros, M.H.R. **Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social.** São Carlos. EdUFSCAR; 2010.
7. Drumond, A.F. Fundamentos da Terapia Ocupacional. In: Cavalcanti, A.; Galvão, C. **Terapia Ocupacional: fundamentação e prática.** Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan; 2007, p. 10-17.
8. Galheigo, S.M. **A transdisciplinaridade enquanto princípio e realidade das ações de saúde.** Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. 1999; 10(2/3): 49-54.
9. Bartalotti, C.C.; De Carlo, M.M.R.P. Perspectivas. In: De Carlo, M.M.R.P.; Bartalotti, C.C. (Orgs.) **Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas.** São Paulo. Plexus; 2001, p. 173-175.
10. Siegmann, C. **Pensar e inventar-se: Terapia Ocupacional como clínica dos afectos.** [Dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2006.
11. Silva, C.R. **As atividades como recurso para a pesquisa.** Cad. Ter. Ocup. UFSCar. São Carlos. 2013; 21(3): 461-470.
12. Almeida, M.V.M. **Corpo e arte em Terapia Ocupacional.** Rio de Janeiro. Editora Enelivros; 2004.

13. Morrison, J.R. **¿Por qué necesitamos mirar hacia atrás? Volviendo a lo esencial: Um enfoque epistemológico al “árbol de la Terapia Ocupacional”**. TOG (A Coruña). Espanha. 2013; 10(18): 1-28.